

FORMAS DE TRATAMENTO NO PORTUGUÊS BRASILEIRO: A ALTERNÂNCIA TU / VOCÊ NA CIDADE DE SANTOS-SPⁱ

Artarxerxes Tiago Tácito Modesto
(Universidade São Paulo-USP)

RESUMO: *Este artigo analisa o uso das formas de tratamento tu e você em Santos(SP), levando em consideração aspectos sociolingüísticos e pragmático-discursivos, que atuam na alternância destas formas. Com o suporte da metodologia da Sociolingüística Variacionista Laboviana, busca-se explicitar até que ponto as diferentes situações interacionais levam os falantes a escolherem uma ou outra forma pronominal.*

PALAVRAS-CHAVES: *formas de tratamento, pronomes, variedade lingüística, Sociolingüística, Funcionalismo.*

ABSTRACT *This research aims to describe and explain the ways of address “tu” and “você” in Santos(SP), considering sociolinguistic and pragmatic-discursive aspects that act on the alternation of these forms. Supported by the Labovian Variacionist Sociolinguistic Methodology, it looks to explicit how the different interacional situations lead the speakers to select one or another pronominal form.*

KEY WORDS: *pronouns of address, pronouns, linguistic variety, Sociolinguistics, Functionalism.*

0.Introdução

Nosso objetivo neste trabalho é descrever e analisar a alternância das formas de tratamento *tu* e *você* na cidade de Santos, litoral do Estado de São Paulo. Sendo um estudo sincrônico e baseado em análises quantitativas de dados lingüísticos, levantamos algumas hipóteses de fatores que possam, em situações interativas informais, levar os falantes a fazer a escolha entre uma das duas formas disponíveis:

a) a alternância das formas de tratamento não seria um caso de variação aleatória, mas sim condicionada por fatores lingüísticos, discursivo-pragmáticos e sociais; a correlação entre as formas de tratamento *tu* e *você* está ligada à configuração do contexto conversacional. O contexto conversacional envolve o propósito do evento da fala, os falantes e o contexto discursivo como um todo;

b) o uso da forma *tu* é desencadeado por situações de [+ envolvimento], [-monitoramento] e [+expressividade];

c) o uso de *você* é desencadeado por situações de [- envolvimento], [+monitoramento] e [-expressividade]

d) a forma objetiva do pronome *tu* (te) é a mais produtiva no falar da região.

e) as formas *tu* e *você* apresentam linha tênue entre um uso e outro. As duas formas podem estar estáveis, numa relação de contemporização, pela sua subsistência ou co-existência; ou pode ser que esteja ocorrendo uma mudança em progresso.

Os pressupostos teórico-metodológicos que nortearam esta pesquisa são baseados nas idéias funcionalistas apresentadas em HALLIDAY(1974,1975,1976) e na metodologia apresentada por LABOV (1972,1983). A análise dos dados e a interpretação dos resultados de cálculos estatísticos foram realizados com base nos resultados de cálculos de frequência e probabilidade apresentados pelo programa GOLDVARB.

1. A abordagem funcionalista

Assumimos aqui a postura teórica de que o estudo da língua em uso deve necessariamente basear-se em um quadro teórico que leve em consideração critérios discursivo-pragmáticos, pois defendemos que o uso das formas de tratamento na Baixada Santista depende de fatores desta ordem. Este tipo de análise leva em consideração a língua enquanto instrumento para desempenho de funções na comunidade que a utiliza e entre essas funções a que mais se destaca é, sem dúvidas, a função comunicativa.

A teoria funcionalista concebe a língua como um instrumento de comunicação, e postula que esta não pode ser considerada como um objeto autônomo, mas uma estrutura submetida às pressões provenientes das situações comunicativas, que exercem grande influência sobre ela.

Assim, o funcionalismo analisa a estrutura gramatical tendo como referência a situação comunicativa inteira: o propósito do ato de fala, seus participantes e seu contexto discursivo. Entendemos que a escolha entre as formas *tu* e *você*, em Santos, depende da configuração desses fatores conjugados. Não se pode compreender um fato lingüístico sem se levar em conta o sistema social e lingüístico ao qual ele pertence. O estudo de uma língua exige que se leve rigorosamente em conta a variedade das funções lingüísticas e dos seus modos de realização no caso considerado.

A produção do enunciado implica uma intrincada troca, chamada interação lingüística, e pesam nesta interação diversos fatores: a força da situação de comunicação, o planejamento, as imagens que o falante forma do interlocutor, entre outros. Uma abordagem funcionalista de uma língua natural sempre tem como objetivo o interesse de verificar como se obtém a comunicação com essa língua, ou como os usuários dessa língua dela se utilizam para se comunicar entre si de maneira eficiente. O que se põe sob análise, portanto, é a chamada *competência comunicativa*.

Dessa forma, o funcionalismo leva em consideração na análise toda a situação comunicativa: o propósito do evento da fala, seus participantes e o contexto discursivo.

HALLIDAY (1974,1975,1976,1985) propõe uma teoria funcionalista sistêmica, e busca estabelecer relações entre todas as escolhas semanticamente relevantes feitas na língua como um todo, procurando chegar, assim, à resposta do porquê um falante escolhe determinados itens dentre os tantos disponíveis naquela língua para fazer o seu enunciado.

Para Halliday, o sistema lingüístico está intrinsecamente ligado ao sistema social, ao *uso*. “...everything that is said or written unfolds in some context of use (...) Language has evolved to satisfy human needs...”(1985:xiii).

O sistema provê todos os elementos necessários para que a língua possa ser utilizada em situações concretas de uso por falantes concretos, mas é também a partir dos fatores externos que o falante deverá proceder para determinar suas escolhas. Cada indivíduo faz parte de um grupo social e usa a língua em situações variadas para atingir diferentes objetivos.

Segundo Halliday, a língua é um sistema para produzir significados. Segundo NEVES (1997:59-60), “sistema (...) configura uma teoria da língua enquanto escolha. (...) A consideração do sistêmico implica a consideração de escolhas entre os termos do paradigma, sob a idéia de que escolha produz significado”. As escolhas se situam no nível paradigmático, enquanto no nível sintagmático estão as cadeias de relações. Todo esse processo produz um texto, que pode ser caracterizado como uma representação do sistema social e lingüístico.

A perspectiva funcionalista de Halliday leva em consideração, nos estudos sobre a linguagem, um conjunto de situações comunicativas onde ocorre um processo lingüístico. Esse conjunto de situações comunicativas corresponde aos interlocutores, às condições de produção e à dinâmica do ato comunicativo, enfim.

Entendemos, assim, que, ao selecionar uma forma de tratamento para se dirigir ao interlocutor, o falante possui uma intenção comunicativa prévia, que pode ser, por exemplo, a de se aproximar, ou dele se distanciar. A intenção do falante e a interpretação do ouvinte são, então, mediadas pela expressão lingüística, mas não estabelecidas por esta. Por isso, acreditamos que o contexto situacional constitui um fator importante para uma abstração inicial sobre a questão da escolha da forma de tratamento. É a partir dele que o falante seleciona o registro a ser utilizado em sua atuação lingüística. Suas escolhas no ato comunicacional estão ligadas ao papel que assume na interação verbal e aos propósitos de seus atos de fala.

2. Aspectos pragmático-discursivos e interacionais

De acordo com LEVINSON (1983), quando falamos em perspectiva pragmática, significa que vamos levar em consideração, entre outros, “a interpretação da linguagem numa perspectiva funcional”, ou seja,

a explicação das múltiplas facetas da estrutura lingüística relacionadas a causas e eventos extralingüísticos (*apud* MONTEIRO:1994).

Quando se fala em um estudo que leva em consideração aspectos pragmáticos, quer-se dizer que se levam em conta também aspectos da fala, do contexto, e nunca a língua isolada de sua produção social. Os estudos pragmáticos vêem os fenômenos lingüísticos como fatos compostos por elementos criativos, inovadores, que se alteram e interagem durante o processo de uso da linguagem.

“A conversação representa uma atividade prática e cotidiana, cujo desenvolvimento depende da auto-organização patrocinada interacionalmente pelos interactantes”
(HILGERT).¹

Assim, os interlocutores são sujeitos da conversação e desenvolvem o processo conversacional por meio da interação. Quando a interação verbal é realizada, “um sistema de práticas, convenções, regras de comportamento é empregado” (GOFFMAN:1970:10).

Esse sistema corresponde a uma série de elementos: normas sociais, regras de conduta, etiqueta, tipo de norma lingüística adequada a cada situação discursiva, entre outros. Dessa forma, aceitamos aqui que não é possível analisarmos qualquer fato lingüístico isoladamente de seu contexto discursivo ou conversacional. Para a escolha dos itens lexicais que farão parte da expressão lingüística, como é o caso dos pronomes de tratamento, é necessário que o falante se ajuste, automaticamente, ao contexto.

Consideramos, portanto, que a língua é um fenômeno social e que, assim como contribui para a reprodução e transformação das estruturas sociais, também é transformada por elas. Vemos língua como uma ferramenta indispensável para a comunicação entre os falantes e para que estes possam se posicionar de maneira crítica em seu próprio mundo.

3. A variação estilística

Um aspecto importante do modelo laboviano para o estudo das formas de tratamento é a noção de variação estilística. A variação estilística trata da alternância de formas lingüísticas que o usuário emprega de acordo com o contexto no qual está inserida sua atuação comunicativa.

A variação de estilos não deve ser entendida como uma mera escolha individual, visto que é em grande parte dependente de fatores contextuais, tipo de relação entre os interlocutores, classe social, gênero dos interlocutores, idade, meio ambiente físico e tópico discursivo. Tais escolhas são

¹ Hilgert, J.G. citado por SILVA, Luiz Antonio da, Monitoramento na conversação: a interferência do ouvinte. in: *Dino Preti e seus temas*. São Paulo:Cortez, 2001.

consequência do que LABOV (1972,1983), ao estudar as diferenças nos usos da linguagem em seu contexto social, chama de *variação estilística*.

O princípio básico da *variação estilística* é que o falante não utiliza a língua da mesma forma em todas as ocasiões, o que implica a escolha de diversas possibilidades de expressão. Para Labov, há um *continuum* que vai da máxima informalidade até a máxima formalidade.

Tal conceito nos guiou a estabelecer os fatores arrolados nesta pesquisa, que podem influenciar no momento em que o interlocutor tem de fazer a escolha de um tratamento adequada para determinada ocasião, dentro de um determinado contexto discursivo, levando em conta, inclusive, os interlocutores e suas características (escolaridade, sexo, etc).

4. A amostra analisada

Não existia, até então, na cidade de Santos, um trabalho que envolvesse a constituição de *corpora* da fala da região. Sendo assim, nossa amostra é formada por dados coletados de abril de 2003 a agosto de 2005. Observações empíricas nos levaram a entender que a variação *você/tu* em Santos ocorre em contextos extremamente informais, na fala de jovens e adultos em suas interações cotidianas. Dessa forma, não pudemos utilizar na coleta dados nos padrões variacionistas prototípicos, uma vez que a relação entrevistador – informante não seria entre pares, tampouco, na maioria das vezes, simétricas. De início, encontramos muitas dificuldades para decidir qual o melhor meio para coleta de dados, de forma que pudessemos registrar o fenômeno de variação de forma eficiente. Decidimos então trabalhar com duas possibilidades:

- a) gravações secretas (GS)
- b) gravações não-secretas (conscientes) (GN)

Decidimos trabalhar com 10 gravações secretas e 10 gravações não - secretas. O recorte que fizemos não abrange toda a complexidade do fenômeno estudado, mas nos possibilita ter uma visão de sua configuração na comunidade de fala.

5. Análise dos dados

5.1 Grupo de fatores controlados

Elencamos abaixo os grupos de fatores controlados durante a pesquisa.

1. Variáveis Sociais

a) *Gênero*

b) *Faixa Etária: Primeira (de 15 a 20 anos) e Segunda (21 anos ou mais)*

c) *Escolaridade (Ensino Médio ou Ensino Superior)*

2. Variável Lingüística

a) *Função Sintática da forma de tratamento (Função Subjetiva ou Função Objetiva)*

A função sintática das formas de tratamento foi analisada de acordo com seu comportamento sintático no enunciado. As formas com função subjetiva são *tu* e *você*, enquanto as formas com função objetiva são *te* (aqui consideradas também suas variações *a(para) ti* e *contigo*) e *você*, este último com ou sem preposição.

Ex:

Função Subjetiva

F2: qual a parte que **tu** mais gostou? até agora.... (GS)

Função Objetiva

F1: ... eu vou **te** falar uma coisa viu Ofélia... a mãe dele num tem tempo ó... ele inclusive num entregou o trabalho... o trabalho foi pedido em treze de abril... pra entregar até 31 de maio... é eu acho que é o segundo bimestre consecutivo que ele num me entrega trabalho... (GS)

3. Variáveis discursivas

a) *Referenciação (referência direta, indireta e indeterminada)*

A noção de referência está diretamente ligada à noção de *frame* (ou moldura enunciativa) proposta por GOFFMAN(1974):

“I assume that definitions of a situation are built up in accordance with principals of organization which govern events [...] and our subjective involvement in them;

frame is the word I use to refer to such of these basic elements as I am able to identify” (GOFFMAN:1974,p.10).

Os *frames* ou “molduras enunciativas” são estruturas cognitivas básicas que guiam a percepção e a representação da realidade. Geralmente, segundo Goffman, os *frames* não são produzidos de maneira consciente, mas são adotados naturalmente no curso do processo comunicativo.

Assim, entendemos por referência direta aquela na qual o falante se dirige diretamente ao seu interlocutor, ou seja, participa ativamente do contexto, da realidade na interação.

Ex:

F1: ô... tu lembra quando o... quem é que caiu uma vez na vala? (GS)

A referência indireta ocorre quando alguém cita um evento de fala – reporta a um outro *frame*– e usa o discurso direto para reproduzi-lo.

Ex:

F1: ai eu falo assim... Gilmério tu tá (bêbado) ((risos))é que...eu num tomei nenhuma hoje...(…) meu Deus... situação se já tá assim quando num tá bebendo imagine então quando parar de beber mo:::re... (GS)

A referência indeterminada ocorre quando o falante não usa o pronome ou forma de tratamento para se dirigir ao interlocutor, mas remetem a um outro *frame*, não à situação em que ocorre o evento de fala. Neste acaso entendemos que se trata de uma seleção inconsciente, um enquadramento de um interlocutor indeterminado em uma situação contextual hipotética.

Ex:

F1: e... o ruim é que... tem as estrelinha né... eu nunca cheguei até a última...pra tu vê né eu já zoei naquele jogo e eu nunca cheguei até a última... se chegar acho na terceira... que acontece o helicóptero começa a vim... ai o helicóptero só começa a te metralhar se você... atirar nele... começa a te dar... ordem de prisão...ai se você começar a atirar ele começa a te metralhar...ai se tu piorar a coisa... começa a descer carinha....da... tipo da swat lá... (GS)

c) Monitoramento (Tipo de Registro) (Gravações Secretas e Não Secretas)

De acordo com BORTONI-RICARDO(2002:63), os fatores que levam à monitoração do estilo são:

- o ambiente
- o interlocutor e
- o tópico da conversa.

Bortoni-Ricardo acertadamente trata do *continuum* de monitoração estilística afirmando que elas podem ser desde interações totalmente espontâneas até aquelas que são previamente planejadas e que exigem muita atenção do falante.

Acreditamos que os fatores citados não são estáticos, dicotômicos, mas sim há um *continuum* de uma situação com características mais ou menos monitoradas, com mais ou menos envolvimento com o interlocutor, etc.

Para efeito da análise aqui feita, consideramos elementos favorecedores de um menor monitoramento estilístico as gravações secretas, a proximidade com o interlocutor e o conhecimento prévio ou domínio do tópico da conversa.

d) Expressividade do ato comunicativo (Maior e Menor expressividade)

Quanto ao fator “expressividade do ato comunicativo”, levamos em conta o conceito de EMILIO (2003:19), que se refere à expressividade conforme Bakhtin, que diz:

“...o estilo é resultado de um trabalho de escolha lexical, morfológica, sintática, etc, e é na **expressividade**, que vem a ser ‘a particularidade constitutiva do enunciado, realizada pelo contato entre significação lingüística e realidade objetiva’, que essa escolha se efetiva”. [grifo nosso]

Segundo a pesquisadora, “a característica fundamental da expressividade reside na força de persuadir, ou de transmitir conteúdos desejados, na capacidade apelativa, no poder de gerar elementos evocativos” (p.19).

Sendo assim, observamos a expressividade segundo o aspecto prosódico e pragmático do ato comunicacional como um todo, ou seja, a força expressiva prosodicamente colocada sobre um pronome, sobre a sentença, ou mesmo em todo o contexto discursivo, no sentido de enfatizar a ação ou a informação transmitida ao interlocutor.

A pesquisadora admite que “a dimensão social e expressiva estão presentes na situação comunicativa, na identificação do vernáculo e na diversidade lingüística” (p.23).

MONTEIRO (2005), citando Bally, afirma que “expressivo é todo o fato lingüístico associado a uma emoção” (p.52). Consideramos, desta forma, usos [+] expressivos quando os pronomes atuavam em

contextos marcados pelo tom apelativo, persuasivo ou potenciais geradores de elementos evocativos e emotivos.

Ex:

F1: ele joga pra você assim aí *você* aponta e sai correndo....aí tu tem que sair correndo atrás do negão aí ele entra no carro tu entra atrás dele... aí você sai correndo... (GS)

5.2 Análise quantitativa e qualitativa dos dados segundo os resultados estatísticos obtidos

Entre todos os grupos de fatores controlados, apenas dois – gênero e faixa etária - foram considerados estatisticamente irrelevantes para a seleção das formas de tratamento, enquanto os outros cinco grupos de fatores – Escolaridade, Função Sintática da Forma de tratamento, Referência, Monitoramento e Expressividade do ato comunicativo foram selecionados como relevantes pelo programa GoldVarb 2001. A ordem de relevância dos fatores oferecida pelo programa foi a seguinte:

- 1) Monitoramento
- 2) Expressividade
- 3) Função Sintática
- 4) Referenciação
- 5) Escolaridade

A exposição dos cálculos estatísticos será feita de acordo com a ordem de seleção feita pelo programa, pois julgamos que, assim, a interpretação dos resultados será mais adequada para o entendimento da configuração da alternância *tu/você* em Santos.

Para verificarmos como se distribuem as formas de tratamento no *corpus* analisado, apresentamos abaixo o total de ocorrências de cada forma sob análise:

Pronomes	Quantidade
<i>Você</i>	476
<i>Tu</i>	232
Total	708

Tabela 1: Freqüência, valores absolutos, das formas de tratamento em Santos

Consideremos a diferença entre o número de ocorrências de *tu* e *você*, já que as de *você* correspondem quase ao dobro de *tu*. Apesar de ser a forma *tu* uma marca lingüística de Santos, percebemos que esta não é preferência geral dos falantes da cidade. É possível afirmar que, em termos gerais, a forma mais utilizada na cidade é *você*, com 67% de ocorrências contra apenas 32% de *tu*².

5.3 Fatores Discursivos

5.3.1 Monitoramento da Fala

O monitoramento foi selecionado pelo programa como o fator mais relevante para a escolha das formas de tratamento na região. A probabilidade de uso da forma *tu* em contextos de menor monitoramento é de 0,61 para apenas 0,38 para a forma *você*, como se vê na tabela abaixo.

TU	Frequência	Peso Relativo
[+] monitoramento	58/333 =17%	0,37
[-] monitoramento	174/375=46%	0,61
VOCE		
[+] monitoramento	275/333=82%	0,62
[-] monitoramento	201/375=53%	0,38

Tabela 2 : Frequência e peso relativo da forma *tu* e *você* em função do fator monitoramento

Situações de fala que envolvam um menor monitoramento por parte dos interlocutores favorecem o aparecimento da forma de tratamento solidária e expressiva *tu*, enquanto que o mesmo contexto desfavorece a aplicação da forma *você*. O contexto de maior monitoramento favorece o uso da forma *você*, que apresentou o peso relativo de 0,62 nesse caso. Nossa hipótese inicial de que a forma *tu* é mais usada em contextos menos monitorados foi confirmada pelos resultados dos cálculos estatísticos.

A transcrição de uma porção do inquérito das gravações secretas mostra como o uso de *tu* deixa explícita sua marca de mais informalidade e mais envolvimento entre os participantes do evento comunicativo:

Ex:

F2: outubro novembro e dezembro era o ó de lotad/ eu não dava conta... ai
ela vinha G. do céu eu num sei o preço de nada minha filha... vai L.... almoça

² “O programa GoldVarb 2001 gerou, por vezes, alguns percentuais de uso do *tu* cuja soma com os percentuais complementares para o uso de *você* não resultou em 100%, mas em 99%. Optamos por manter os valores produzidos, uma vez que confiamos ao programa a obtenção de tais resultados.” LUCCA(2005:91)

que eu vou falando pra **tu**... almoça que eu vou falando... e eu num dava conta... era embrulho de presente... (...) e a L. num sabia... a L. num fazia...

F2: a gente fechava pra almoçar... **tu** num almoçava em casa?

F1: eu almoçava quando ela fazia revisão...(…) eu ia lá almoçava...

F2: nossa gente...

F1: ai depois vinha ela ia almoçava... ficava **tu**:... ai o T. (num sabia de nada só vendia doce...) só doce que eu sei...

F3:...só doce?

F1: só doce...

F3: S. só rua...(…)

F1: não... S.

F2: eu odia::va vender roupa... o-d-i-a-v-a.... quando eu ficava sozinho...

F1: e quando tava chuva ali... que num tinha uma alma lá dentro só as moscas e o frio... a L. mandava o T. ficar lá comigo... ((risos))

F2: ah... eu tinha uma raiva... (GS)

Esse trecho demonstra como o uso de *tu* é comum para tratamento entre iguais lingüísticos num evento de comunicação menos monitorado em Santos. É interessante ressaltar que o uso do *tu*, entretanto, passa por um certo grau de inconsciência entre os falantes quanto ao uso cotidiano.

Ao questionarmos alguns falantes ou informantes, após as entrevistas, sobre este uso, muitos deles disseram, num primeiro momento, que a forma *tu* não fazia parte de seu repertório lingüístico, mas depois admitiram – muitas vezes impressionados – usá-lo entre seus amigos e pessoas próximas. Há alguns que disseram jamais usar a forma *tu* para tratar a mãe ou o pai, porque seria uma falta de respeito. Outro fato interessante aconteceu ao mostrarmos as gravações para alguns informantes que não tinham sido informados sobre elas, e que afirmavam categoricamente que não usavam a forma *tu*. Muitos se mostraram admirados.

Vemos, então, que se trata de uma questão de valor social que é atribuído à forma *tu* em Santos. De um lado, temos um uso que denota informalidade, maior envolvimento entre os falantes e maior expressividade. De outro, temos um uso que denota o “erro”, algo que não deve ser usado. Essa dualidade se mostrou muito presente quando analisamos a questão do monitoramento.

5.3.2 Expressividade

Entre os grupos de fatores analisados, a expressividade foi um dos mais relevantes segundo o programa Goldvarb. A probabilidade de a forma *tu* ser selecionada como opção de tratamento em

contexto de maior expressividade é de 0,65. Já os contextos de menor expressividade são desfavoráveis à utilização desta forma, com 0,39 de probabilidade, conforme podemos constatar na tabela abaixo:

Fator	Freqüência	Peso Relativo
[+] expressividade	145/287=50%	0,65
[-] expressividade	87/421=79%	0,39

Tabela 3: Freqüência e peso relativo da forma *tu* em função do fator expressividade

A expressividade foi medida, conforme já foi tratado anteriormente, em função da prosódia (maior ênfase e emoção sobre a expressão lingüística) e sobre a força apelativa que o enunciado quer provocar no interlocutor, no sentido de transformar, acrescentar sua informação pragmática ou questionar de maneira inquisitória o interlocutor. Transcrevemos abaixo um fragmento de conversa do inquérito das gravações secretas, em que três jovens conversam entre si sobre Hitler:

Ex.

F1: ... é... foi exilado... morto... e ninguém sabe se ele tá vivo...

F3: ... defendia o partido nazista e...

F2: ... (como assim ninguém sabe) se ele tá vivo... ficou louco?

F1: lógico que é... lógico que é...

F3: mas ele...

F2: tu acha que ele tá vivo até hoje?

F1: num acharam o corpo do Hitler até hoje... ele pode tá vivo até hoje e aí?

F2: claro que não...

F2: ah é...

F1: (não... (...)) tô brincando) mas tô falando... ele pode tá vivo até hoje...

F2: meu... o Hitler... é o cara...

F1: ah:::....

F3: ah.... ninguém merece.... (GS)

Notamos o uso enfático do *tu*, no sentido de inquirir, questionar de maneira direta e expressiva sobre a informação recebida da qual o falante discorda totalmente. Percebemos que é muito freqüente o uso da forma *tu* nesse contexto expressivo, quando se pretende fazer uma abordagem mais contundente ao interlocutor.

Ao calcularmos também a probabilidade de uso da forma *você* em contextos mais expressivos, notamos que estes são altamente desfavorecedores à aplicação desta forma, conforme podemos verificar na apresentação dos resultados na tabela abaixo.

TU	Frequência	Peso Relativo
[+] expressividade	145/287=50%	0,65
[-] expressividade	87/421=20%	0,39
VOCE		
[+] expressividade	142/287=49%	0,34
[-] expressividade	334/421=79%	0,79

Tabela 4: Frequência e pesos relativos dos usos de *tu* e *você* em função da expressividade

É clara a oposição *você* x *tu* quando falamos do fator expressividade. O pronome *você*, apesar de ter uma frequência maior de uso no cômputo geral de uso, mostrou-se improdutivo em contextos de maior expressividade.

Assim, a forma de tratamento *tu*, como forma de expressividade, realiza-se na inter-relação entre a situação comunicativa e o interlocutor, servindo a este último como meio de reforçar a expressão pragmática do seu discurso. Vemos aqui um fato notório de variação estilística (não-prototípica), em que entendemos o estilo como resultado de um trabalho de escolha lexical e discursivo-pragmática. Essa escolha está relacionada com o grau de expressividade do discurso.

Cruzamos os fatores expressividade e monitoramento e os resultados dos cálculos de frequência estão na tabela que segue.

Fatores	Monitoramento	
	[+]	[-]
Expressividade		
[+]	25/91=27%	120/196=61%
[-]	33/242=14%	54/179=30%

Tabela 5: Cruzamento: frequência de uso da forma *tu* em função do fator expressividade e monitoramento

A leitura da tabela 5 permite-nos entender e consolidar nossa hipótese de que a forma *tu* é usada na maioria das vezes em contextos de maior expressividade e de menor monitoramento, como podemos constatar no exemplo que segue.

Ex:

F1: ...ele me deu ele me deu uma retrucada uma vez que eu falei quase que eu falei pra ele bicho ***tu*** vai subir no banco ***tu*** vai dar na minha cara? (GS)

Observamos que nos contextos de menor monitoramento da fala e de maior expressividade, a frequência de 61% corrobora a hipótese de que o uso de *tu* é mais informal que o de *você*.

Vejam também a queda de frequência nos contextos de mais monitoramento e menos expressividade: apenas 14% de frequência. Trata-se, portanto, de um recurso estilístico presente na fala dos santistas, uma opção por um tratamento igualitário, de aproximação e ao mesmo tempo de desencadeamento de força expressiva no ato de fala.

Podemos afirmar, com base nos dados analisados, que a forma *tu* é mais expressiva no discurso e a forma *você* é neutra ou menos expressiva, nos contextos analisados.

5.3.3 Referenciação

O fator referenciação foi considerado relevante pelo programa GoldVarb. No evento conversacional, conforme já vimos segundo GOFFMAN (1970:10), no momento em que a interação verbal é realizada, “um sistema de práticas, convenções, regras de comportamento é empregado.” Esse sistema corresponde a uma série de fatores, como normas sociais, regras de conduta, etiqueta, tipo de norma linguística adequada a cada situação discursiva, entre outros.

Essa adequação à situação discursiva nos leva a entender que, ao se referir ao interlocutor, o falante santista deva fazer suas escolhas em função de diversos fatores pragmáticos para que seus objetivos comunicativos sejam alcançados.

Os cálculos probabilísticos nos remetem ao seguinte resultado:

Referência	Frequência	Peso Relativo
Direta	154/363=42%	0,61
Indireta	39/118=33%	0,47
Indeterminada	39/227=17%	0,32

Tabela 6: Frequência e peso relativo do uso de *tu* em função da referenciação

A referência direta favorece, portanto o uso de *tu* em contextos de relações simétricas, como os apresentados nesta pesquisa. A referenciação direta em relação à forma *você*, do contrário, desfavorece a aplicação desta, com peso relativo de 0,37, como podemos comprovar na tabela que segue.

TU	Frequência	Peso Relativo
Direta	154/363=42%	0,61
Indireta	39/118=33%	0,47
Indeterminada	39/227=17%	0,32
VOCE		
Direta	209/363=57%	0,37
Indireta	79/118=66%	0,52

Indeterminada	188/227=82%	0,67
---------------	-------------	------

Tabela 7: Frequência e pesos relativos do uso de *tu* e *você* em função da referenciação

Os dois outros fatores, pelo contrário, são desfavorecedores da utilização da forma *tu* na cidade de Santos. Podemos dizer que a probabilidade de a forma *tu* ser usada como referência indeterminada durante uma conversação, por exemplo, é muito baixa. Neste caso, a probabilidade de ocorrer o uso de *você* é de 0,67.

Apresentamos abaixo o resultado do cruzamento entre os fatores expressividade e referenciação:

Grupos / fatores	Referenciação		
Expressividade	Direta	Indireta	Indeterminada
[+]	96/168=57%	32/63=51%	17/56=30%
[-]	58/195=30%	7/55=13%	22/171=13%

Tabela 8: Cruzamento: frequência de uso da forma *tu* em função do fator expressividade da referenciação

Do cruzamento desses fatores podemos inferir que a forma *tu* tem maiores possibilidades de ocorrer em contexto mais expressivos nos três tipos de referenciação, vindo a ter frequência de uso reduzida nos contextos menos expressivos.

Notemos que nos contextos mais expressivos a frequência de uso da forma *tu* como referência direta e indireta é preferência da maioria dos falantes. Tal fato nos leva a constatar que o *tu* em sua forma direta de enunciação possui um forte traço semântico [+] expressivo na fala da comunidade santista. A comparação com o uso de *tu* em contextos de menor expressividade corrobora nossa hipótese, pois as frequências de 30% e 13% são muito baixas.

5.4 Fator Lingüístico

5.4.1 Função Sintática da forma de tratamento

Como vimos, o fator “Função sintática da forma de tratamento” foi considerado relevante para a escolha das formas. Os cálculos evidenciam fortemente que, quando em posição objetiva, a forma *te* é a mais provável de ocorrer (peso relativo de 0,77). A função subjetiva demonstrou ser um fator que colabora para a não aplicação da forma *tu* como referência à segunda pessoa (peso relativo de 0,45). A forma objetiva dativa “*a ti*” não foi encontrada no *corpus*.

A alta probabilidade de uso da forma *te* na cidade de Santos evidencia uma situação que ocorre em outras regiões do Brasil: a sobrevivência da forma objetiva do pronome de segunda pessoa do singular. Sabemos que *vós* e *vos* estão praticamente extintos em situações de uso corrente no Brasil (embora haja indícios de uso de *Vós* na fala informal em Alagoas e Pernambuco, com verbo na terceira pessoa (MONTEIRO, 1994:161)); com base nesse fato, muitos lingüistas se aventuram a dizer que a forma *você* substituiu efetivamente as formas *tu/te* no Português Brasileiro. WILHELM (1979:30) é enfático: “para a esmagadora maioria dos brasileiros só há duas formas de tratamento relativamente vivas.” Essas formas, segundo o autor, seriam *você* e *senhor*.

Deste fato, temos de discordar, pois inúmeros trabalhos sociolingüísticos vêm trazendo importantes informações sobre o uso de *tu* em diversas regiões brasileiras, de norte a sul, como SOARES (1980), ABREU & VEIGA (1988), PITOMBO (1988), MENON (2000), LUCCA (2003), entre outros.

O que não podemos negar é que a forma *você* tem realmente alargado seu uso no território nacional, e, num futuro não muito distante, pode vir a efetivamente se tornar um pronome de segunda pessoa, modificando realmente nosso sistema pronominal oficial. Mas é inegável que a forma objetiva *te* pode permanecer em uso por muito tempo, o que nos impede de dizer que *você* substituiu efetivamente a forma *tu* no português brasileiro, conforme o fez categoricamente Wilhelm.

Forma	Função	Frequência	Peso Relativo
<i>Tu</i>	Subjetiva	177/617=28 %	0,45
	Objetiva	55/91=60%	0,77
<i>Você</i>	Subjetiva	440/617=71 %	0,54
	Objetiva	36/91=39%	0,23

Tabela 9: Frequência e peso relativo do uso das formas *tu* e *você* quanto à função sintática.

Verificamos que, em grande escala, a função objetiva da forma *tu* prevalece sobre todas as outras formas, em termos de frequência de uso. Já na função subjetiva, a forma *você* apresenta uma frequência maior de uso em relação às demais.

Ao estudar os pronomes no Português Brasileiro, MONTEIRO (1994:152) acredita na hipótese de que todas as mudanças que ocorrem no sistema de pronomes pessoais são acomodações que procuram eliminar vestígios de casos, de acordo com a configuração que determinou a origem e evolução da língua portuguesa. Desta forma, os pronomes, segundo o lingüista, perdem aos poucos as raras características morfossintáticas que os distinguiam dos nomes. Segundo ele,

“o desequilíbrio no sistema pronominal é um fenômeno conjuntural, correlacionando-se em todos os aspectos com a evolução que se opera no esquema de conjugação verbal. Assim, ao processo de neutralização das marcas desinenciais do verbo corresponde uma modificação nas pessoas gramaticais, com a conseqüente perda da distinção formal entre funções exercidas por pronomes” (p.153).

Assim, é comum encontrarmos em Santos uma alternância entre pronomes e funções sintáticas por eles exercidas, conforme podemos verificar no exemplo abaixo:

F1: e... o ruim é que... tem as estrelinha né... eu nunca cheguei até a última...pra tu vê né eu já zoei naquele jogo e eu nunca cheguei até a última... se chegar acho na terceira... que acontece o helicóptero começa a vim... ai o helicóptero só começa a te metralhar se você... atirar nele... começa a te dar... ordem de prisão...ai se você começar a atirar ele começa a te metralhar...ai se tu piorar a coisa... começa a descer carinha....da... tipo da swat lá... (GS).

Notemos que, num mesmo ato de fala, o falante alterna diversas vezes as formas *tu*, *você* e *te*. Devemos lembrar que o sistema oferece todos os elementos necessários para que a língua possa ser utilizada em situações concretas de uso por falantes concretos, mas, indubitavelmente fatores pragmáticos interferem nas suas escolhas. O falante faz parte de um grupo social e usa a língua para atingir diferentes objetivos.

Quando o falante diz algo a seu ouvinte, quer provocar alguma modificação na informação pragmática dele, e passa a formular sua intenção comunicativa. Ao selecionar uma forma de tratamento para se dirigir ao interlocutor, o falante já possui uma intenção comunicativa prévia, que pode ser, como no exemplo acima, a de se aproximar dele e transmitir a ele toda a emoção ou expressividade da situação em que o contexto do jogo ao qual se refere ocorre. Fizemos, então, o cruzamento dos fatores expressividade e função sintática, conforme se pode constatar na tabela apresentada abaixo:

<i>Fatores</i>	Função	
Expressividade	<i>Subjetiva</i>	<i>Objetiva</i>
[+]	113/242=47%	32/45=71%
[-]	64/375=17%	23/46=50%

Tabela 9: Cruzamento: frequência de uso da forma *tu* em função dos fatores função sintática e expressividade

Verificamos como é alta a frequência da forma *te* em contextos de maior expressividade. Podemos afirmar que em Santos é muito mais expressivo ou enfático dizer “ai se você começar a atirar ele começa a te metralhar...”(GS) do que dizer a mesma sentença substituindo o *te* por *você*: “ai se **você** começar a atirar ele começa a metralhar **você**”. Outro exemplo: “começa a te dar... ordem de prisão...”(GS) e “começa a dar a **você**... ordem de prisão”. Esse último exemplo é o mais improvável de ser ouvido na região.

Em função subjetiva, *tu* apresenta 47% das ocorrências e contextos mais expressivos. Já em contextos menos expressivos, a frequência de uso de *tu* cai drasticamente para 17%. Já no caso de uso de *tu* em contextos menos expressivos com função objetiva, a frequência fica em 50%. A leitura da tabela permite-nos concluir que as formas *tu/te* ocorrem com mais frequência em contextos mais expressivos.

Também cruzamos o fator função sintática com o fator monitoramento, e obtivemos o seguinte resultado:

Fatores	Função	
	Subjetiva	Objetiva
Monitoramento		
[-]	134/318=42%	40/57=70%
[+]	43/299=14%	15/34=44%

Tabela 10: Cruzamento: frequência de uso da forma *tu* em função do fator Função Sintática e Monitoramento

É notável que em contextos menos monitorados, o uso da forma objetiva de *tu* apresente a frequência de 70%. Percebemos que, quando os informantes não sabiam que estavam sendo gravados, a frequência de uso de *tu* em função subjetiva ficou em 42% (contra 58% de frequência para *você* em função subjetiva) e nas gravações conscientes, ou seja, quando os informantes sabiam da gravação, mesmo sem saber ao certo a finalidade dela, prestavam mais atenção à fala e a frequência de uso de *tu/te* caiu para 14% e 44%, respectivamente. Nesse contexto, as formas *você* (função subjetiva) e *você* (função objetiva) ficaram com 86% e 56%, respectivamente.

Assim, é possível confirmar, mais uma vez, o valor social e pragmático que é dado à forma *tu*, como sendo mais informal e de uso mais íntimo.

Ainda com relação à alternância de formas num mesmo contexto, MONTEIRO (1994:163) afirma que as modalidades de tratamento se misturam em função de fatores pragmáticos e essa intercambialidade acontece devido à instabilidade no sistema.

Segundo ele, a alternância ou mistura das formas de tratamento, sugere indícios de flutuação no comportamento dos interlocutores e marca a própria natureza da relação social. “Associar *te* com *você* conota talvez maior intuito de aproximação ou de intimidade do que *lhe* com *você*” (p.163) (grifos do autor).

Convém salientar que não encontramos nenhuma ocorrência da forma *lhe* em nosso corpus. Segundo a gramática normativa, o pronome *lhe* se usa para *você*, *senhor*, *senhora*, *Excelência*, ou qualquer outro pronome de terceira pessoa. Assim, tradicionalmente, a forma *lhe* não combina com *tu*. Tal fato talvez se dê porque a forma *lhe* esteja muito ligada à expressão *o senhor*, que indica nível alto de formalidade.

É possível afirmar que a marcante presença da forma *te* no *corpus* analisado, bem como sua utilização em outras regiões de São Paulo, comprova que as formas de referência à segunda pessoa do discurso *tu* e *te* ainda estão longe de serem extintas, conforme pregam alguns.

Gostaríamos de finalizar este item ressaltando a importância dos fatores pragmático-discursivos e da configuração do contexto discursivo para a seleção das formas pronominais de tratamento, e mesmo das formas objetivas de tratamento.

“ Fica-nos claro, a título de conclusão, que os pronomes pessoais não se submetem a regras rígidas derivadas de princípios estruturais da língua”
(MONTEIRO,1994:164).

Ficamos, então, com a reflexão conclusiva de Monteiro sobre a não submissão dos pronomes às estruturas lingüísticas como um todo, podendo estas estruturas até mesmo entrarem em processo de reestruturação em virtude do uso, como está sendo também o caso do paradigma verbal do Português Brasileiro.

5.5 Fatores Sociais

5.5.1 Escolaridade

O grupo O fator ‘escolaridade’ foi último a ser considerado pelo programa. Apresentamos abaixo os resultados dos cálculos de frequência e probabilísticos obtidos.

Escolaridade	Frequência	Peso Relativo
Ensino Médio	82/203 =40%	0,6
Ensino Superior	150/505=29%	0,4

Tabela 11: Frequência e peso relativo de uso da forma *tu* em função do fator escolaridade

Podemos afirmar que os falantes menos escolarizados possuem uma maior probabilidade de uso da forma *tu* em sua fala. Já os falantes mais escolarizados ou com escolaridade superior, tendem a evitar o uso dessa forma ou a usam em situações mais específicas.

Convém esclarecer que não incluímos na pesquisa falantes não alfabetizados ou com menos de 08 anos de escolaridade. Nosso propósito com essa tomada de posição era de verificar como se configurava o uso do *tu* entre os falantes mais escolarizados, e pareceu-nos suficiente a divisão entre os estudantes ou concluintes do Ensino Médio e os graduandos ou graduados.

Geralmente, entende-se que os falantes mais escolarizados tendem a evitar o uso de construções estigmatizadas, como é o caso do *tu* com verbo na terceira pessoa do singular. Para testar essa hipótese, cruzamos o fator escolaridade com o fator monitoramento e obtivemos os seguintes resultados:

Fatores	Monitoramento	
	[+]	[-]
Escolaridade		
Ensino Médio	5/60=8%	77/143=54%
Ensino Superior	53/273=19%	97/232=42%

Tabela 12: Cruzamento: frequência de uso da forma *tu* em função do fator Escolaridade e monitoramento do falante

Ao fazermos a leitura da tabela acima, percebemos que a presença da forma *tu* em contextos de menos monitoramento é maior tanto entre falantes de Ensino Médio quanto do Ensino Superior, evitando-se o uso de *tu* em contextos mais monitorados.

Também nos chama a atenção o fato de que, em contextos mais monitorados, os falantes do ensino médio utilizam o *tu* com menos frequência do que os falantes mais escolarizados. Convém lembrar que a baixa frequência absoluta dos dados nesse contexto pode ter causado um enviesamento nos resultados.

Também cruzamos o fator escolaridade com o gênero, no intuito de descobrir como homens e mulheres mais ou menos escolarizados usam a forma *tu* na região. Obtivemos a seguinte tabela:

Fatores	Escolaridade	
	Ensino Médio	Ensino Superior
Gênero		
Homens	52/160=32%	111/347=32%
Mulheres	30/43=70%	39/158=25%

Tabela 13: Cruzamento: frequência de uso da forma *tu* em função do fator Escolaridade e gênero do falante

Os resultados mostram que as mulheres com menos escolaridade apresentam uma frequência de uso muito maior do que aquelas com maior escolaridade. A diferença é marcante (70% e 25%), e indica que as mulheres mais escolarizadas tendem a evitar o uso de *tu*, talvez devido ao estigma social que esta variante carrega quanto à conjugação não padrão com a terceira pessoa do verbo.

Assim, as mulheres mais escolarizadas preferem a forma *você*, que em tese não é estigmatizada socialmente. Entre os homens, não há variação de frequência quanto ao uso de *tu* em função de sua escolaridade. O percentual fica em 32% para ambos. O fator escolaridade, portanto, não possui relevância para se determinar o uso da forma *tu* entre os homens.

5.5.2 Gênero

Segundo Paiva (in MOLLICA&BRAGA,2003:34), a variável gênero é importante para a análise da dimensão social da variação e da mudança lingüística, principalmente quando estas envolvem o binômio forma padrão/forma não padrão.

Segundo a pesquisadora, as mulheres utilizam mais as formas lingüísticas consideradas padrão. Ela cita um estudo de Scherre em que mostra que as mulheres, por exemplo, tendem a realizar mais a concordância nominal do que os homens.

Com relação às formas de tratamento ela cita o estudo de SILVA(2003b) que trata da correlação *tu/você* na fala carioca, pesquisa baseada em dados de interação face a face. A pesquisa mostra que a ocorrência da forma *tu* sem a concordância canônica do verbo é mais frequente na fala de homens (peso relativo de 0,57) do que na fala de mulheres (peso relativo de 0,47).

Diferentemente do que ocorre no Rio de Janeiro, em Santos, essa variável foi descartada pelo programa GolVarb, como sendo irrelevante para explicar a seleção das formas de tratamento. Os coeficientes de probabilidade que o programa atribuiu para esta variável são muito próximos: 0,49 para homens e 0,51 para mulheres, o que os tornam estatisticamente não relevantes.

Segundo Paiva

“as análises de conversações espontâneas têm permitido mostrar diferenças significativas na forma como homens e mulheres conduzem a interação verbal. Enquanto os homens tendem a manifestar um estilo mais independente e uma postura que garante seu prestígio, as mulheres orientam sua conversação de uma forma mais solidária, que busca o envolvimento do interlocutor” (MOLLICA& BRAGA: 35).

Sugerimos que na cidade de Santos pode existir uma neutralização do uso da forma *tu* quanto ao gênero, o que não pode ser desconsiderado para análises futuras. A forma de tratamento “*tu*” sempre foi considerada, mesmo nas gramáticas normativas, mais solidária do que as outras formas. CUNHA & CINTRA (1985:284), por exemplo, afirmam que o pronome *tu* é empregado como forma própria da intimidade, usado entre pais e filhos, amigos, entre outros, com tendência a ultrapassar os limites da

intimidade propriamente dita, em consonância com uma intenção igualitária ou, simplesmente, aproximativa.

Uma explicação para essa neutralização de uso quanto ao gênero poderia ser o fato de que em Santos, homens e mulheres podem tender a orientar sua conversação para uma relação mais recíproca, não se atendo ao valor social, mas sim ao valor discursivo e pragmático da forma de tratamento. O contexto em que as gravações ocorreram, em sua maioria, indica uma relação de grande proximidade entre os interlocutores, e de, como diriam GILMAN & BROWN (1960), de solidariedade. SILVA (2003a) amplia o conceito para uma relação de solidariedade informal, “marcadas por relações recíprocas informais” (p.176).

Um último ponto que devemos salientar é o fato de que mudanças na organização social podem estar afunilando as fronteiras entre papéis sociais desempenhados por homens e mulheres. Essas transformações podem, de certa forma, estar ligadas à neutralização deste fator quanto à seleção das formas de tratamento.

5.5.3 Faixa Etária

A faixa etária foi o segundo fator a ser desconsiderado pelo programa; não atuando, portanto na escolha das variáveis. A probabilidade de uso da forma *tu* quanto à variável faixa etária foi 0,5 para ambas as faixas, conforme verificamos abaixo.

Faixa Etária	Frequência	Peso Relativo
Primeira(15 a 20 anos)	65/168=38%	0,5
Segunda (21 anos em diante)	167/540=30%	0,5

Tabela 14: Frequência e peso relativo de uso da forma *tu* em função do fator escolaridade

É importante refletirmos sobre o fato de que a alternância entre as formas pode estar neutralizada (variável estável). Outra possibilidade é de que o processo de mudança ainda poderá desenvolver-se. Tais reflexões, porém, não trarão conclusões definitivas sobre este aspecto, pois consideramos nesta pesquisa apenas duas faixas etárias, o que inviabiliza essa possibilidade.

Diante de todas as reflexões aqui engendradas, podemos inferir que, no presente momento (sincronia) do português de Santos, não há qualquer indício de um processo de mudança linguística, em que uma das formas possa vir a substituir a outra.

Finalizando a análise dos dados segundo os fatores sociais, nosso entendimento é de que estes, de uma forma geral, não explicam – quando tomados isoladamente - a alternância entre as formas *tu* e *você* em Santos.

Considerações Finais

Buscamos verificar, neste trabalho, como se configura a alternância das formas de tratamento no falar informal do santista, no que concerne à utilização de *tu* e *você*. A análise dos dados confirmou algumas hipóteses e contestou outras; há ainda algumas que foram confirmadas parcialmente. Os falantes santistas tendem a usar a forma *tu* em situações informais, mas, diferente do que imaginamos, seu uso não supera estatisticamente a forma *você*. A forma *você*, já nas primeiras análises em termos de frequência bruta, superou a forma *tu*, apresentando como resultados 67% de usos para *você* e apenas 32% de usos para *tu*.

Confirmamos a hipótese de que a alternância das formas de tratamento em Santos não é aleatória, mas condicionada por um conjunto de fatores lingüísticos, sociais e pragmático-discursivos, definindo assim, um contexto conversacional de natureza lingüística e pragmático-discursiva.

Dentre os fatores analisados, foram selecionados como estatisticamente relevantes: monitoramento; expressividade; função sintática; referenciação e escolaridade.

Abaixo colocamos em uma tabela a configuração do contexto conversacional e lingüístico em que a forma *tu* é a mais provável de ser usada. Foi considerado o fator envolvimento, pois as gravações foram feitas entre interlocutores com grande envolvimento (amigos, irmãos, colegas de trabalho e de classe).

Contexto favorável ao uso de <i>tu</i>	
(+ monitorado) -----	⊖ (- monitorado)
(+ expressivo) - ⊖ -----	(- expressivo)
(+ envolvimento) - ⊖ -----	(-envolvimento)
(+ escolaridade) -----	⊕ (- escolaridade)
(função subjetiva) -----	⊕ - (função objetiva)

Tabela 15: Configuração do contexto conversacional e lingüístico favorável ao uso de *tu*

Assim, confirmamos a hipótese estabelecida de que o uso de *tu* é desencadeado pela configuração de situações de [+] envolvimento, [-] monitoramento e [+] expressividade. Quanto ao uso de *você*, verificamos que ela ocorre, conforme prevíamos, em situações de [+ monitoramento] e [-expressividade], porém seu uso em nosso corpus é expressivo em termos frequências, o que indica, diferente do que pensamos inicialmente, que ela também pode ser usada em contextos de [+] envolvimento.

Também confirmamos a hipótese de que a forma objetiva *te* é a opção mais produtiva no falar da região, atuando em diversos contextos, muitas vezes intercambiando-se com *tu* e *você* num mesmo ato de fala. Quanto à concordância verbal, verificamos que, categoricamente, em nosso *corpus* não foi encontrada nenhuma ocorrência de concordância canônica de segunda pessoa do verbo com o pronome *tu*.

Por fim, verificamos que as duas formas continuam vivas no falar da região, e que há realmente uma linha sutil que delimita um ou outro uso. Não verificamos que haja mudança em progresso, pois as variáveis gênero e faixa etária, grande indicadores de mudanças linguísticas, mostraram-se estatisticamente irrelevantes pelo programa de análise. Acreditamos que haja uma relação de contemporização, estáveis em sincronia, co-ocorrendo em situações linguísticas diferenciáveis pelo contexto pragmático-discursivo. Mas não descartamos a hipótese de que uma mudança linguística de transição para uma ou outra forma de maneira definitiva ainda possa ocorrer.

Bibliografia

- ABREU, Maria Tereza dos Santos & VEIGA, José Luiz da (1988) O tratamento em Curitiba: o pronome zero. In: Ilha do Desterro. Florianópolis, Universidade Federal de Santa Catarina.
- BEZERRA, Maria Auxiliadora (1997) Uso de tu/você - estratégias de polidez. Revista Intercâmbio. São Paulo, PUC/SP, v. VI, parte I, p.496-519.
- _____. (1994) Uso de tu/você em interações infantis. Letras. Campinas, PUCCAMP, v. 1, n. 13, p. 96-118.
- BORTONI-RICARDO, Stella Maris (2002) Um modelo para a análise sociolinguística do português do Brasil. In: BAGNO, Marcos (org). (2002) Linguística da norma. São Paulo, Loyola, p. 333-350.
- _____. (1997). A análise do português brasileiro em três continua: o continuum rural-urbano, o continuum de oralidade-letramento e o continuum de monitoração estilística. Congresso Substandard e Mudança no Português do Brasil. Berlim, outubro de 1997.
- BRAGA, Maria Luiza (1992) Os condicionamentos Discursivos. in: MOLLICA, Maria Cecília (org.) (1992) Introdução à sociolinguística variacionista: Cadernos Didáticos. Rio de Janeiro, CEU/UFRJ, p.57-79.
- BROWN, R. e GILMAN, A. (1960) The pronouns of power and solidarity. In: FISHMAN, Joshua. (org.) (1960) Readings in the Sociology of Language. La Haya, Mouton.
- CINTRA, Luis F. Lindley (1986) Sobre formas de tratamento na língua portuguesa. Coleção Horizonte. Rio de Janeiro, Livros Horizonte.

- CUNHA, Celso & CINTRA, Lindley (1985) *Nova gramática do português contemporâneo*. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 2 ed.
- _____ (1967) *Evolução das Formas de Tratamento em Português*, Lisboa, Livros Horizonte.
- EMILIO, Aline (2003) Diminutivo x grau normal: um fenômeno estilístico no enfoque da abordagem variacionista. In: *Revista da Abralín*. Vol. II, n 01, p.9-49.
- GOFFMAN, Erving (1974) *Frame Analysis: An Essay on the Organization of Experience*. New York, NY et al.: Harper & Row.
- _____. (1967) *Interaction Ritual: essays on face-to-face behavior*. Nova York, Garden City.
- HALLIDAY, M. A. K. (1985) *An introduction to functional grammar*. New York, Edward Arnold.
- _____ (1976) *Estrutura e função da linguagem*. In: LYONS, John (org.) (1976) *Novos horizontes em lingüística*. São Paulo, Cultrix / EDUSP.
- _____ (1975) *Learning how to mean: explorations in the development of language*. London, Edward Arnold.
- _____ (1974) *Os Usuários e os Usos da Língua*. In: HALLIDAY, M.A.K. et alii. (1974) *As ciências lingüísticas e o ensino de línguas*. Petrópolis, Editora Vozes.
- LABOV, W. (2001). *Principles of linguistic change. Social factors*. Cambridge, Blackwell.
- _____ (2001) *The anatomy of style-shifting*. In: ECKERT, Penelope; RICKFORD, John. (orgs) (2001) *Style and sociolinguistic variation*. Cambridge, Cambridge University Press, p. 85-108.
- _____ (1994) *Principles of linguistics change. Internal factors*. Cambridge: Blackwell.
- _____ (1972) *Sociolinguistics Patterns*. Philadelphia, University of Philadelphia Press.
- _____ (1983) *Modelos Sociolingüísticos*. Madrid: Ediciones Cátedra.
- _____ (1968) *The reflection of Social Processes in Linguistic Structures*. In: LAVANDERA, B.R. (1984) *Los limites de la variable sociolingüística. Variación y significado*. Buenos Aires, Hachette, pp.37-46.
- LEVELT, W.J.M. (1989) *Speaking: from intention o articulation*. Cambridge, MIT Press.
- LEVINSON, S. (1983) *Pragmatics*. Cambridge, Cambridge University Press.
- LINDLEY CINTRA, L.F. (1967) *Origens do sistema de formas de tratamento do português actual*. In: *Brotéria Revista de Cultura* (1967) Lisboa, 84, 49-70.
- LUCCA, Nívia Naves Garcia (2003) *A expressão gramatical da 2ª pessoa do discurso em Minas Gerais: séculos XIX e XX*. Brasília, UnB. (mimeo)
- LUCCA, Nívea Naves Garcia (2005) *A variação tu/você na fala brasiliense* Dissertação de Mestrado. Brasília, UNB.
- MENON, Odete Pereira da Silva (2000) *Pronome de segunda pessoa no Sul do Brasil: tu / você / o senhor em Vinhas da Ira*. *Letras de Hoje*. Porto Alegre, v. 35, n. 1, p. 121-164.

- MOLLICA, M.C. & BRAGA, M.L (orgs.) (2003) Introdução à Sociolinguística: o tratamento da variação. São Paulo, Contexto.
- MONTEIRO, José Lemos (2005) A estilística. Petrópolis, Vozes.
- _____ (2004) Estilística e Pragmática: alguns pontos de intersecção. *Revista de Letras*. Fortaleza, UFC. n26. vol.1/2.
- _____ (1994) Pronomes Pessoais. Fortaleza, Edições UFC.
- NEVES, Maria Helena Moura (2001) Gramática. História, teoria e análise, ensino. São Paulo, Unesp.
- _____ (1997) A Gramática funcional. São Paulo, Martins Fontes.
- PINTZUK, Susan (1988). VARBRUL programs. inédito.
- PITOMBO, Eliana. (1998) Tu e Você no português da Bahia no século XIX. Por uma linguística sócio-histórica. (mimeo)
- PRETTI, Dino (org.) (2002) Interação na fala e na escrita. São Paulo, Humanitas/FFLCH-USP.
- SILVA, Luiz Antonio (2003a) Tratamentos familiares e referência dos papéis sociais. IN: PRETI, Dino. (org) (2003) Léxico na língua oral e escrita. São Paulo, Humanitas.
- SILVA, Vera Lúcia Paredes (2003b) Relevância das variáveis linguísticas. In: MOLLICA, Maria Cecília & BRAGA, Maria Luiza (2003) Introdução à sociolinguística. São Paulo: Contexto, pp.67-71.
- _____. (2003c) O retorno do pronome tu à fala carioca. In: RONCARATI, Cláudia; ABRAÇADO, Jussara (orgs). Português Brasileiro: contato linguístico, heterogeneidade e história. Rio de Janeiro, 7Letras. p. 160-169.
- SOARES, Maria Elias (1980) Formas de tratamento nas interações comunicativas: uma pesquisa sobre o português falado em Fortaleza. Dissertação (Mestrado em Letras). Rio de Janeiro, PUC/RIO.
- VILELA, M. (1992) Gramática de valências: teoria e aplicação. Coimbra: Livraria Almedina.
- WILHELM, Axel Eberhard. (1979). Pronomes de distância do português actual em Portugal e no Brasil. Lisboa, Instituto Nacional de Investigação Científica.

ⁱ Este trabalho apresenta uma síntese da Dissertação de Mestrado intitulada “Formas de tratamento no Português Brasileiro: A alternância tu/você em Santos-SP”, defendida pelo autor na Universidade de São Paulo sob orientação da prof^a Ângela Cecília de Souza Rodrigues.